

O túmulo é o lugar donde, quem entra, não sai. Mas Jesus saiu para nós, ressuscitou para nós, para trazer vida onde havia morte, para começar uma história nova no ponto onde fora colocada uma pedra em cima. Ele, que derrubou a pedra da entrada do túmulo, pode remover as rochas que fecham o coração.

Cf. Papa Francisco, *Homilia na Vigília Pascal*, 11 de abril de 2020.



# Boletim de Espiritualidade

1 ABRIL 2021  
Ano VIII Nº 81

81



## Agenda abril 2021

- 7 a 11 **Macedo de Cavaleiros** (Convento de Balsamão) – Semana de espiritualidade: *A misericórdia na história e no carisma marianos* [🔗](#)
- 9 a 11 **CITeS** (Ávila) – Primeiro ciclo *Juan de Yepes: Tesouros da Leitura: Deus Tem Um Amor De Mãe* – Javier Marín [🔗](#)
- 9 a 11 **CITeS** (Ávila) – *Educar-nos à interioridade e à experiência de Deus* – Fco Javier Sancho Fermín [🔗](#)
- 9 a 11 **Betânia** (Centro de Espiritualidade – Duas Igrejas) – Retiro para Casais [🔗](#)
- 13 **Online** – Escola de Oração, Encontro mensal [🔗](#)
- 13 a 17 **Online** – Ciclo de conferências: *Somos a Igreja que acolhe e promove a vida* [🔗](#)
- 14 **Online** – Curso: *A Economia de Francisco: o Santo, o Papa e Nós* [🔗](#)
- 15 **UCP** (online) – Formação: *O encontro Pascal – o encontro com Maria Madalena no Jardim* [🔗](#)
- 16 a 18 **CITeS** (Ávila) – *As Moradas de Teresa de Jesus: Alcances superiores* – Daniela Biló [🔗](#)
- 16 a 18 **CITeS** (Ávila) – *Caminho na noite: Mística de Job* – Xabier Pikaza [🔗](#)
- 22 **Funchal** (Igreja do Colégio) – Conferência: *O contexto da pandemia e o Voto a São Tiago. A relação entra a ciência e a fé* – D. Nuno Brás [🔗](#)
- 22 **UCP** (online) – Formação: *O encontro Pascal – o encontro com Maria Madalena no Jardim* [🔗](#)

- 23 a 25 **Online** – Fascinados pela Verdade com(o) Edith Stein [🔗](#)
- 23 a 25 **CITeS** (Ávila) – *Autobiografia e Fundações lidas a partir da Bíblia* – Secundino Castro [🔗](#)
- 24 **Foz do Douro** (Carmelitas) – Guias para Deus: *Santa Teresa de Jesus* [🔗](#)
- 29 **UCP** (online) – Formação: *A Páscoa do Apocalipse* [🔗](#)
- 29 **Institutos Missionários Ad Gentes** (online) – Conferência: *Ao Entardecer...A cultura do encontro* [🔗](#)

## Agenda maio 2021

- 2 **Alfragide** (Dehonianos) – Retiro para Consagrados [🔗](#)
- 3 **Fátima** (Santuário) – Recoleção – Ir.ª Sandra Bartolomeu, snsf [🔗](#)
- 8 **Foz do Douro** (Carmelitas) – Guias para Deus: *Santa Teresa de Jesus* [🔗](#)
- 11 **Online** – Escola de Oração, Encontro mensal [🔗](#)
- 11 **Porto** (C. Cultura Católica) – *Viventes na casa comum* – Jorge Teixeira da Cunha [🔗](#)
- 14 a 16 **Fátima** (Domus Carmeli) – XVIII Encontro Rumos (para jovens) [🔗](#)
- 21 a 23 **Avevadas** – *Trilhos Laudato Si* [🔗](#)
- 22 **Foz do Douro** (Carmelitas) – Guias para Deus: *Santa Teresa de Jesus* [🔗](#)
- 28 a 30 **CITeS** (Ávila) – *Liderança Teresiana: Espírito, Propósito e Estratégia* [🔗](#)

5º CONGRESO  
MUNDIAL  
SANJUANISTA

EPISTOLARIO  
Y ESCRITOS  
BREVES

¡Oh dulcísimo amor de Dios, mal conocido! El que halló sus venas descansó. D. 16.

30 AGOSTO  
5 SEPTIEMBRE 2021  
presencial y online



# Três palavras da Semana Santa

Armindo Vaz, OCD



Aquela que a liturgia cristã chama *Semana Santa* é a última da vida histórica de Jesus. Os cristãos dão-lhe relevo celebrando os principais mistérios da vida dele, acompanhando-o nas suas últimas horas. Ponto culminante do ano litúrgico cristão, ela é o tempo privilegiado para o aprofundamento/vivência da fé. Como nenhum outro – por ser rico em símbolos, pela Palavra que propõe à escuta das pessoas, pela meditação no sofrimento e na morte e pela exposição da vida ao risco da ressurreição – coloca-nos nas margens da salvação, isto é, do sentido pleno a dar à vida. Intensifica-se no Tríduo Sacro.

**A Última Ceia** de Jesus com os discípulos é a hora da mais densa tomada de consciência do sentido da sua vida e da sua morte: da vida dada (“tomai e comei; isto é o meu corpo [= isto sou eu], que será entregue por vós”) e da morte antecipada (“este é o meu sangue, que será derramado por todos”). Os poderes da noite que

tramam a sua eliminação do reino dos vivos reduzem o tempo para manifestação das emoções de despedida. O amor, como ninguém, percebe a importância do tempo. Quem ama intensamente sente ter tudo menos tempo: daria tudo em troca de mais tempo para amar. Jesus sente que já não tem muito mais, para revelar e dar mais: “pouco mais tempo estarei convosco”. Diz e faz o essencial: “Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros, como eu vos amei” (Jo 13,33-34). A sua vida apresenta-se como um quadro perfeito, sem esboço, porque resultava do amor perfeito. Já dele tinham dito “no auge da admiração: fez tudo bem feito” (Mc 7,37). Agora é o amor que dá todo o realce à sua Páscoa: “antes da festa da Páscoa, Jesus, sabendo que tinha chegado a sua hora de passar deste mundo para o Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao extremo” [até dar toda a sua vida para cumprir

o plano salvífico do Pai] (Jo 13,1). Assim encheu as medidas do *existir* humano, que estão não no tempo que dura mas na vida que oferece.

“Fazer isto em memória de mim”. Fazer memória era fazer história. Era *recordar*, no sentido etimológico de trazer de novo ao *coração* aquela ceia puxando-a para o presente, reactualizando o seu poder libertador para cada geração de discípulos, como se cada um tivesse participado nela, dando-lhe assim valor perene. O memorial festivo da narrativa autêntica, ligado ao desejo e à busca de imortalidade, celebra e *realiza hoje* a ceia histórica de então.

A ceia remetia para **o drama da cruz**, prenunciando-o. O caminho que Jesus percorreu carregando a cruz desde o pátio de Pilatos até ao Calvário foi o mais curto mas também o mais intenso que ele terá feito. Foi a síntese da sua vida, o *caminho da cruz*, a *via crucis*, o caminho da vida, o caminho para a morte programada pelo mundo que não o compreendeu. Na cruz, o mais célebre injustiçado da História, tratado em vida como *Mestre*, deu a sua ‘última lição’ de uma alta cátedra. Nunca o seu discurso tinha sido tão elevado: poucas palavras, eloquente intensidade de gestos, longos silêncios, sofrimento assimilado pelo amor, perdão para os algozes sem acusação, consciência do alcance dessa morte, oração ao Pai, atenção à mãe dando-lhe outro filho para cuidar (“Mulher, aí tens o teu filho”) e dando-a como mãe ao discípulo (“aí tens a tua mãe”: Jo 19,25-27). É a lição do Homem por excelência, do Homem verdadeiro, que revelou a verdade de Deus e a verdade do homem: “Eis o Homem!” (Jo 18,5). Lição de alcance universal: “Todo aquele que é da verdade escuta a minha voz” (Jo 18,37).

Sujeitando-se activamente à violência até à morte, Jesus desvelou de forma suprema o amor de Deus pelo homem. O Pai assumiu em si a dor do mundo e rejeitou a maleficência cravando-a na cruz do Filho: manifestando-se contrário àquela morte inocente, identificou-se com o grito das vítimas deste mundo pelo amor que o move, pelo Amor que Ele é: “Nisto manifestou-se entre nós o amor de Deus: em que Deus enviou ao mundo o seu Filho único, para vivermos por ele” (1Jo 3,9). Desde a morte de Jesus como vítima inocente, todos os actos de violência humana se estilhaçam reprovados na imagem do *Homem* crucificado. E porque a cruz levantava um homem que aparecia como imagem visível do Deus invisível, nela se quebram todas as imagens desfocadas e conven-

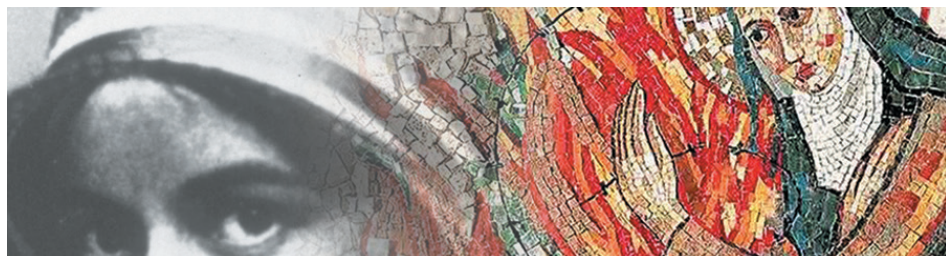
cionais de Deus (a do Deus justiceiro, castigador, que pode livrar duma pandemia, ou a do Deus onnipotente da espiritualidade imatura e adolescente), porventura pouco artísticas. A mais autêntica “palavra da cruz” (1Cor 1,18) não é a do sofrimento e da mortificação dolorista: é a do amor – amor crucificado – de um Homem que ama os homens apontando para Deus; é a palavra de joelhos que compreende que o verdadeiro Deus é um Deus capaz de sofrer até morrer pelo homem, um Deus impotente, só onnipotente no amor. Foi diante da cruz que o pagão centurião romano confessou: “Verdadeiramente este homem era filho de Deus” (Mc 15,39). Só se conhece o excesso do amor de Deus quando ele se reconhece na lição total do Jesus da cruz.

E o amor tem sempre consequências à sua altura. Em Jesus, a maior consequência do amor dele e do Amor do Pai por ele foi a que o Novo Testamento chama **ressurreição**. Ela abriu um caminho novo. Tão novo que o desconhecemos. Mesmo que Jesus “falasse dela abertamente” (Mc 8,32), ela não tirava o mordente à morte. Os seus discípulos “discutiam entre si o que era isso de «ressuscitar dos mortos»” (Mc 9,10). O que sabemos é que nos convida e chama, entre a forte atracção que suscita e as indeclináveis dúvidas que provoca sobre a nova forma de vida que ela inaugura. Para dela falar, a linguagem humana é inapta. As questões que nos põe, ligamo-las ao físico, ao corpóreo, ao experimentável. Tendemos a pensar que o real se reduz ao fenoménico ou empírico: «se não vi, não existe!». Mas a linguagem do Novo Testamento sobre a ressurreição de Jesus significa acima de tudo que a sua vida e a sua morte tiveram sentido, para ele e para “os seus irmãos” (Heb 2,17): pelo modo como viveu uma e outra (vivendo para as pessoas e morrendo pelas pessoas), a vida em comunhão com Deus deu sentido à morte e a morte com Deus deu sentido à vida. Assim, a ressurreição quer dar sentido a uma vida que dê sentido à morte e que evite em cada vida o desespero perante o pensamento de uma morte aniquiladora, fim de tudo.

A ressurreição não quer ter poder no crente só depois de morrer: a fé e a esperança nela querem sobretudo fecundar de bondade e encher de sentido a vida do crente já aqui e agora, também preparando-o para o momento da morte e para escutar de Jesus: “Eu vos ressuscitarei no último dia [o da sua e o da nossa vida]”. Aleluia!

# Fascinados pela Verdade com(o) Edith Stein

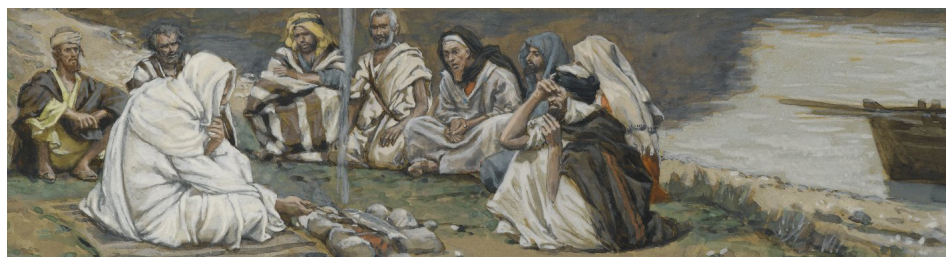
Fim de semana de reflexão e de oração



Nos próximos dias 23-25 de abril, os Carmelitas Descalços em Portugal promovem um fim de semana em torno da figura de Edith Stein. Esta atividade, orientada pelo Frei Francisco Maria de São José, proporcionará aos participantes momentos de reflexão e de oração a partir do testemunho de Santa Teresa Benedita da Cruz, mulher marcante do século XX na intelectualidade e na espiritualidade. [🔗](#)

## Escola de Oração

Nova edição 2021-2022



A Ordem dos Carmelitas Descalços, depois das excelentes experiências com a primeira e segunda edições da Escola de Oração que decorreram na Domus Carmeli, em Fátima, nos anos anteriores, vai lançar uma nova edição, a terceira, no próximo ano pastoral de 2021-2022. O bom acolhimento a todas as propostas da Escola de Oração mostrou como é importante e necessário oferecer à Igreja esta possibilidade de ensinar e acompanhar os cristãos para que possam delinear itinerários de crescimento na relação com Cristo. A frequência desta Escola de Oração pretende ajudar a intensificar a vida de oração e preparar os seus participantes para serem animadores da pastoral da oração nas comunidades. [🔗](#)

## XX Rumos

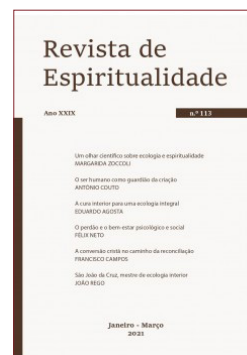
Encontro para jovens



Os Carmelitas Descalços vão realizar um novo encontro *Rumos* de 14 a 16 de maio de 2021, em Fátima. Este evento conta com a participação de jovens em processo de clarificação e opção vocacional. Orientados por uma equipa formada pelos diferentes ramos do Carmelo: dois casais, uma religiosa, um sacerdote e dois animadores, estes jovens poderão desfrutar de um acompanhamento personalizado, de forma a serem ajudados a ler os sinais que em cada um vão surgindo para uma das grandes vocações: matrimónio, sacerdócio, vida consagrada ou vida laical. [🔗](#)

## Revista de Espiritualidade

Trimestral



A Revista de Espiritualidade é uma revista científica destinada a todos aqueles que desejam aprofundar os seus conhecimentos na área da Espiritualidade e da Teologia Espiritual, na experiência e doutrina dos grandes místicos e mestres espirituais, contribuindo assim para o aprofundamento da própria vivência e formação espiritual cristã, sejam sacerdotes, religiosos, leigos, carmelitas seculares, investigadores, alunos e docentes de Teologia e outros.

Criada em 1991, com quatro números por ano (trimestral), esta Revista da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal aborda temas relacionados com as fontes da vida espiritual, tais como a Palavra de Deus e os Sacramentos, os grandes autores – santos, mestres e místicos – e correntes de espiritualidade, bem como as áreas dos mais variados âmbitos da vida cristã. Como Revista de Espiritualidade, sempre trabalha os seus artigos, com especial incidência na vida segundo o Espírito, ressaltando as dimensões da interioridade, tendo em conta os diferentes estados e circunstâncias de vida dos seus destinatários. Tem a preocupação de sintonizar e refletir os temas do magistério da Igreja a nível mundial e da Igreja em Portugal anunciados para cada tempo. Os articulistas desta publicação periódica são na sua maioria professores universitários, especialistas na área da teologia espiritual, sacerdotes, religiosas e leigos que tenham algum contributo pertinente e original a dar à espiritualidade em geral e cristã em particular.

Publicação: Edições Carmelo [🔗](#)

## fragmentos

### 500 anos do Voto de São Tiago.

Início do ciclo de conferências «500 Anos do Voto de São Tiago. Fé, história e arte» a 22 de abril de 2021, na Igreja do Colégio, Funchal, às 19h30. [🔗](#)

### Economia de Francisco Portugal.

A primeira iniciativa de 2021 promovida pela «Economia de Francisco Portugal» vai decorrer entre 14 de abril e 5 de maio. [🔗](#)



# Diálogos de Benício, sábio burro manco de São José

Frei João Costa, OCD



Ando há bastos dias acabrunhado e sem vontade de viver. Pergunto-me repetidamente que faço eu ainda aqui, o que se espera de mim e se estas serão as derradeiras horas de meus derradeiros dias e, concludo que talvez não, embora disto não haja nem ciência certa, nem certezas redondas. O que sei é o que aprendi dos antigos espécimes da minha raça, cuja pequena taça de sabedoria garante que as horas antecedentes ao passamento são de jubiloso sobressalto, em que mais definhando, o passante se soergue, tagarela, faz planos, rasga avenidas e caminhos marítimos para o futuro, lançando novos projectos e novas naves aos mares. De tão taciturno que estou, longe me encontro, porém, de governo de naves, lançamento de caboucos ou de dar conselhos a mais novos.

Uma ansiosa névoa cinzenta paira há dias sobre a grande cidade, pelo que todos, menos eu, se surpreenderam quando esta sexta-feira, pelas três da tarde, repentinamente, o céu se escureceu sobre o nosso lugar.

O comum dos povos e das gentes garante que só olhamos para o chão, de olhos rentes, tristes e afeitos ao pó, ou porque carregamos os nossos pecados e os pecados de muitas gerações anteriores, ou porque nos esmaguem brutais masmorras que estranha penitência imerecida nos imponha. Nas colunas dos exércitos marchamos sempre atrás, que somos nós quem carregamos com as provisões, seja para os belicosos estômagos dos humanos, generais ou não, seja para os estômagos das demais alimárias, sejam as tendas de acampamento, seja o pesado equipamento de artilharia. Em tempos de paz, raros por estes dias, atrelam-nos o arado e lá vamos nós rasgando leivas, virando a terra, ou nos prendem a negra nora e ficamos ali rodando, rodando, rodando, até regar inteiros vinhedos e veigas. Outros há com sortes bem piores que a minha: meu compadre Lira alombou com toneladas de minério — o patrão dele criou doze filhos e uma catrefada de netos só às custas das suas costas! — e o velho Xavier morreu es-

magado de desvalimento por força dos troncos que, havia séculos, carregava daqui para ali, como Sísifo impenitente.

Desculpar-me-eis, ó vós que levais perdendo alguns minutos da vossa preciosa vida só de ouvir rabugices de asno velho; o certo é que não me apresentei, o que é algo assaz imperdoável, indo já, como se vê, este texto quase no seu equador! Chamo-me Benício, pacífico nome de guerra, que jamais de vida folgada me sustentei. Levo-o em honra de antepassado que não conheci e que serviu o Rei David. Manquejo de perna traseira e cego sou de olho contrário, o que me tornou inútil para trabalhos servis, mas não me dispensou de canseiras, dores de cabeças e jornadas forçadas.

Bastas estórias tenho para contar.

Incapaz para trabalhos pesados, era a mim que os engenheiros soltavam se urgia abrir estrada nova: orientavam-me na direcção do rasgo a abrir, espetavam-me uma palmada no quadril e lá ia eu: terra que cruzasse ou colina que subisse, por ali se rasgaria o passadiço. Por fim, os achaques da idade desimpediram-me do ofício, sobremaneira, quando, certa vez, a sul das Montanhas do Líbano, as forças deixaram de me assistir. Como quem se livra de traste fanado deram-me como de gorjeta a um carpinteiro, que digo eu, a um pobre mãozinhas, que de tudo um pouco ele sabia fazer.

Tinha eu, à data, plena consciência de apenas servir para pouco mais do que para fazer companhia e mastigar rala palha seca. E assim era. Algumas vezes, daqui para ali lhe carreguei as ferramentas, outras vezes uns taboões e até uns barrotes. Mas não muito mais.

Um dia ele casou; lembro-me bem dos esponsais e dos doridos desabafos que três ou quatro meses depois lhe percebi. Até que me segredou que de preparar-me havia, pois haveríamos de empreender longa jornada, de Nazaré até às terras de nossos antepassados. Não foi este o meu trabalho mais duro, mas o de maior cuidado: carreguei

Maria, a jovem esposa, no meu lombo, que procurei fosse manso como um afago. Ela ia grávida, ainda por cima... Jamais esquecerei, por fim, a Noite dos Anjos, quando depois do nascimento do filho, Jesus, vieram eles, inesperadamente, cantar a paz sobre a terra. Ah, mas do que mais gostei foi de ter ficado quietinho, quentinho, anichado e sossegado, diante da manjedoura do recém-nascido. Confesso que, mais que uma vez, me apeteceu cobrir o bebé de beijos, pois era tão lindo e tão fofo! E ainda por cima, jazia deitado no saboroso feno da manjedoura...

Fiquei, ficamos, por ali uma larga temporada. Depois fugimos a trote trôpego, mais trôpego que trote, para o Egipto, à frente de um tropel de cavalos que jamais lograram alcançar-nos; mérito que de todo não foi meu! No Egipto, andámos, antes de tempo, de anás para caifás, quais saltimbancos, de casa às costas, melhor, de tenda às costas, sendo que esta era a parte que só a mim cabia, claro. Nunca, porém, o lamentei, que eu faria o que fosse necessário por algum deles os três — até dar a vida...

Passados anos regressámos juntos a Nazaré, terras por mim bem conhecidas e tão amadas. Continuei de olho no crescimento do Miúdo, que, está bem de ver, não era um miúdo qualquer. Era um doce, um regalo de rapaz, um anjo de mãos mansas e palavras doces que reconfortavam e amoleciam o coração mais negro ou empedernido. Eu derretia-me só de ouvir o seu nome! Amei-o, ainda mais quando, morto o doce José, ele assumiu a oficina do nobre pai. Não sei dizer qual deles era o melhor artífice, que um o foi por muitos anos e outro por poucos, mas este tinha cá umas mãos e umas intuições tão divinas que eram um espanto!

José, por seu lado, fora tão pobre e humilde aos olhos do mundo que se tornara grandíssimo aos olhos de Deus e dos anjos; e eu amava-o ternamente por isso. Ah, como eu gostava de ver o pai a ensinar o filho no preparo da madeira! Coisa mai'linda!

Jesus era divino, ninguém me tira isso da cabeça, que eu não sou burro nenhum e, não havia ninguém por cá maior do que Ele, claro está, e ao mesmo tempo era tão humano... Tão humano...

Bem, amei os dois, claro, que eu admirei sempre e sempre honrei a simplicidade de carácter e o amor ao trabalho.

Um dia Jesus partiu para anunciar a Boa Nova, já eu estava bem velho, cheio de cataratas nos olhos e de artroses e cáries nos ossos. Não servindo para mais, fiquei por ali a enxotar moscas e a descansar à sombra!

Uns dias antes do sol se ocultar naquela bendita tarde de sexta-feira, Maicon, meu neto mais velho, achegou-se, esbaforido:

— Família, família, trago uma novidade feliz!

— Fala, filho, fala, mas sê prudente.

— Ó família, ó pai, ó vô, que feliz que eu estou! Fui à grande cidade e havia gente de ambos os lados do caminho, de ramos nas mãos, saudando-me, dando vivas e batendo palmas! Estou tão feliz por mim mesmo!

A família encantou-se, menos a mãe que, ignorada, retouçava, um pouco, ao longe.

Cá por mim, sempre desconfiado da humana generosidade para connosco, os burros, e não lobrigando outra saída, retorqui:

— Filho, desconfia sempre dos humanos aplausos. O seu coração é demasiado volúvel; diz-me: que fizeste para os merecer? Tens mesmo a certeza que eram para ti?

— Bem, devolveu Maicon, na verdade, eu retouçava com minha mãe, quando dois homens me levaram pela arreata, e fizeram subir um tal Jesus. Foi a primeira vez que servi de montada. Inicialmente foi um doloroso desconforto, mas o Homem, afinal, era leve como um anjo!

— Verás, meu filho, volta, discreto, à grande cidade, que uma coisa aprendi servindo o bom velho José de Nazaré, descendente de David: as palmas e os elogios são, além de volúveis, voláteis! E sim, estas não eram para ti, mas para o doce filho do carpinteiro, que por certo eu também servi, há muitos anos, em Belém, Egipto e Nazaré. Vai certificar-te, meu filho, vai, mas vai prudente que, ou muito me engano ou Jesus acaba de perecer à mão dos poderosos do Templo. Certifica-te, por favor, e traz descanso a este velho coração de asno que, ou muito me engano, ou muito tenho de chorar e lamentar; e volta, volta, discreto, para nós, que o que tu quiseses que o outro cale, cala-o tu primeiro.

## A TOTAL PEQUENEZ OU A VIDA EM MARIA

O PEQUENO CAMINHO DE UNIÃO COM MARIA OU A INFÂNCIA ESPIRITUAL NELA



A Editorial Mercy Press, acaba de publicar em Espanha "A Total pequenez ou a vida em Maria, O pequeno caminho de união com Maria ou a infância espiritual nela", uma preciosa obra vinculada ao Carmelo Teresiano no rasto da mais pura tradição mariana francesa de São Luís Maria Grignon de Montfort e da sua escravidão mariana.

A sua publicação em espanhol foi dirigida pelo sacerdote madrilenho Álvaro Cárdenas.

Nela, a sua autora anónima, que assina com o pseudónimo Maria de Fiesole, apresenta e aprofunda o caminho mariano, vivido "em Maria" como culminação do pequeno caminho de infância espiritual de santa Teresinha do Menino Jesus.

Como indica na sua apresentação da obra o sacerdote Álvaro Cárdenas, «A Total pequenez» explica o caminho que tem sido percorrido pela Virgem. E em que tem consistido? Na realização plena deste caminho de infância espiritual; caminho que a nossa Mãe quer partilhar connosco, os seus filhos, pela nossa vida escondida nela. Daí que possamos dizer que este caminho de "A Total pequenez", é continuação e realização plena do pequeno caminho de infância espiritual».

As suas palavras-chave são Graça e consentimento, Jesus e Maria, nada e tudo, pequenez e grandeza, Deus e nós. Quanto mais uma pessoa se aproxima ao primeiro de cada um destes binómios, mais possui o segundo.

Uma pequena joia da literatura espiritual mariana que recomenda Mons. Ferrer, e que em palavras suas «nos oferece um caminho esboçado na escola de Maria no Carmelo ou na Escravidão Mariana

com S. Luis Maria Grignon ou S. Maximiliano Kolbe, um caminho entroncado com a Experiência de Sta Teresinha do Menino Jesus». Uma obra indispensável para quem tenha descoberto ou queira descobrir o papel que a Virgem Maria ocupa na sua vida e na vida da Igreja, e para aqueles que queiram aprofundar na sua relação filial com ela.

Publicação: Editorial Mercy Press